



OBSERVATÓRIO sócio-demográfico das comunidades ciganas

Março de 2013



[ADCMOURA]

Índice

- 3** INTRODUÇÃO
- 4** CULTURA CIGANA
- 13** COMUNIDADES CIGANAS DE SOBRAL DA ADIÇA E PÓVOA DE SÃO MIGUEL
- 18** A ESCOLA
- 31** ANEXOS (GLOSSÁRIO E TABELAS DE AVALIAÇÃO)
- 34** ÍNDICE DE TABELAS
- 35** ÍNDICE DE GRÁFICOS
- 36** FONTES DOCUMENTAIS DAS INFORMAÇÕES
- 37** QUESTIONÁRIO DE AVALIAÇÃO

Introdução

De acordo com o Plano de Desenvolvimento Social de Moura (2008), a criação de um observatório social para a comunidade cigana é não só uma necessidade como também uma prioridade em termos locais.¹

A nível nacional, como resultado das audições realizadas sobre portugueses ciganos no âmbito da comissão parlamentar de ética, sociedade e cultura, considerou-se consensual o reconhecimento da “insuficiente e pouco sistematizada informação relativa a esta comunidade” e “necessidade de promover uma sistemática e metódica recolha de informação sem a qual não poderão ser equacionadas as medidas necessárias à promoção da sua plena integração”.²

A Plataforma Supraconcelhia do Baixo Alentejo reflecte esta mesma preocupação a nível regional “não existe uma caracterização actualizada das famílias da comunidade cigana do distrito”, recomendando o reforço do conhecimento que as organizações da rede social têm sobre os modos de vida destas famílias.³

Nas investigações de cariz mais académico na área das Ciências Sociais também se destaca a “marginalidade” do conhecimento teórico produzido sobre as comunidades ciganas.⁴

Assim, respondendo a uma necessidade de conhecer melhor as comunidades ciganas que vivem no concelho de Moura, o projecto Encontros, que intervém no Sobral da Adiça e na Póvoa de São Miguel com uma abordagem sócio-educativa desde 2006, criou uma base de dados com um conjunto de informações sobre as comunidades ciganas destas localidades.

¹ Câmara Municipal de Moura (2008). *Plano de Desenvolvimento Social do concelho de Moura*.

² Comissão Parlamentar de Ética, Sociedade e Cultura, subcomissão para a igualdade de oportunidades e famílias (2008). *Relatório das audições efectuadas sobre portugueses ciganos no âmbito do Ano Europeu para o Diálogo Intercultural*.

³ Plataforma Supraconcelhia do Baixo Alentejo (2008). *Registo das reuniões do Grupo de Trabalho Minorias Étnicas* (www.pscba.pt)

⁴ Casa Nova, M.J. (2008). *Familia, etnicidad, trabajo y educación. Estudio etnográfico sobre los modos de vida de una comunidad gitana del norte de Portugal*. Universidad de Granada.

A produção de um observatório actualizado regularmente visa agilizar a rede de intervenção sócio-educativa junto das comunidades ciganas contribuindo para o desenvolvimento de competências profissionais e organizacionais nesta área.

A construção desta parte do observatório teve por base diferentes tipos de informação (ver Referências Bibliográficas):

As informações aqui recolhidas referem-se às populações da comunidade cigana residente no Sobral da Adiça e da comunidade cigana residente na Póvoa de São Miguel, na sua totalidade. Assim, os resultados obtidos serão caracterizados por elevada fiabilidade. Contudo isto só foi possível devido ao alargado trabalho de terreno desenvolvido até agora pelo projecto Encontros e à dimensão reduzida da população.

Os resultados obtidos provêm de uma análise puramente descritiva realizada com o auxílio do sistema operativo (SPSS).

Ao longo do documento vai sendo feita uma análise comparativa entre os dados obtidos para esta comunidade cigana e os dados correspondentes à NUT II – Alentejo, NUT III – Baixo Alentejo, concelho de Moura e freguesia correspondente. Contudo os dados com que é feita a comparação provêm do censo 2001. Assim, dada a diferença entre a recolha do INE e a que agora aqui se apresenta, em termos de objectivos, fontes, métodos de recolha e momento do tempo, terá de haver um cuidado redobrado na interpretação dos resultados.

Devido a princípios éticos e deontológicos que nos regem, a selecção das informações aqui descritas referem-se apenas a dados não confidenciais.

Este observatório é constituído por três cadernos temáticos:

- Cultura cigana – Síntese de informações sobre a cultura cigana e algumas especificidades culturais das comunidades ciganas de Sobral da Adiça e Póvoa de São Miguel
- Comunidades ciganas de Sobral da Adiça e Póvoa de São Miguel – apresentação e análise de dados sócio-demográficos genéricos sobre as comunidades ciganas residentes nestas aldeias.
- A Escola – Tratamento e interpretação de dados sobre o processo de escolarização das comunidades ciganas de Sobral da Adiça e Póvoa de São Miguel

Esta edição corresponde à actualização de Julho de 2010, de uma primeira versão deste observatório que surgiu em Dezembro de 2008. As alterações introduzidas alicerçam-se no aprofundamento dos temas, no alargamento dos dados analisados e na preocupação de análise comparativa dos dados da população em estudo com a população em geral.



cultura
cigana

CIGANOS

Na sociedade actual, esta palavra é uma palavra carregada de sentidos. Muitas vezes, admitamos, pejorativos.

Às vezes, é uma visão romântica que predomina, embora já não corresponda à realidade (pensa-se no cigano nómada, livre, viajando onde o seu negocio de cavalos o leva).

Mas enfim, são raros os casos em que esta palavra é utilizada para exprimir algo de conhecido, sabido, seguro.

Podemos afirmá-lo, a única certeza relativamente aos ciganos, é que pouco se sabe.

Assim, perseguindo o objectivo de interconhecimento e de compreensão mútua que nos guia, propomos aqui uma breve descrição de comunidades e cultura cigana.

Este documento foi construído com o objectivo de divulgar e partilhar o conhecimento que a equipa técnica de um projecto de intervenção socioeducativa vai acumulando com o seu contacto directo junto de diferentes intervenientes, com pesquisas teóricas cada vez mais aprofundadas, com uma recolha de dados baseada na proximidade e conhecimento pessoal.

Não pretendemos aqui respeitar todo o rigor científico desejável a uma caracterização da cultura cigana, mas simplesmente relatar e partilhar a nossa experiência enquanto técnicas de um projecto de intervenção com comunidades ciganas rurais do interior alentejano.

Dados genéricos

Hoje em dia, estima-se a população cigana portuguesa entre 50 000 e 100 000 indivíduos. Este número é uma estimativa bastante alargada, muito difícil de afinar por falta de fontes de informação. Mesmo assim verifica-se que as comunidades ciganas têm um peso reduzido no seio da população portuguesa.

Apesar de ir contra a ideia instalada, estima-se que 90% dos ciganos em Portugal são sedentários, sendo no Alentejo que vive a maioria dos nómadas.

Na península ibérica, os ciganos falam entre eles uma língua chamada Caló, que mantém desconhecida dos não ciganos. O Caló é uma língua derivada do Romani, falada pelos ciganos que vivem no resto da Europa. Esta língua secreta dos ciganos é vista como um mecanismo de defesa, sobretudo quando utilizada em presença de não ciganos, e de maneira discreta. No entanto, e seguindo a tendência actual na sociedade, muitos são os ciganos que dizem que esta língua está a perder-se, sendo cada vez menos ensinada e utilizada nas famílias. Em ajuntamentos internacionais ainda se usa esta língua como factor comum, potenciador de comunicação entre povos de diferentes origens.

História do povo cigano

A cultura cigana é ágrafa: transmite-se entre gerações apenas pela palavra. Existem assim pouquíssimos registos históricos referentes a este povo, todos eles relativamente recentes e oriundos da cultura maioritária.

Os poucos elementos que dispomos então para o estudo da história do povo cigano são a sua língua, as suas lendas, os seus hábitos. Existem várias explicações científicas para a migração do povo que deu origem aos ciganos portugueses, nenhuma delas sendo verificável. Reproduzimos aqui uma delas, baseada no estudo do Caló cruzado com estudos genéticos.

Diz-se que este povo constituía uma casta indiana inferior que foi expulsa – ou que saiu – do Norte da Índia por volta do século X, e começou uma viagem que iria durar cerca de 500 anos, até os seus descendentes se fixarem em diferentes partes da Europa.

Depois de uma paragem na Ásia no século XIV, o grupo começa a se expandir pela Europa toda. Ao longo do tempo, seguiram diferentes rotas, sempre na direcção do ocidente, o que levará cada subgrupo a desenvolver características diferentes, derivadas do contacto com outras culturas e a se fixar em diferentes regiões da Europa.

Não se sabe com certeza se os ciganos chegaram à Península Ibérica pelo Sul (Norte de África) ou pelo Norte (França). Um elemento apenas deixa preferir a rota do Sul: a palavra “Cigano” tem semelhanças etimológicas com a palavra “Egípcio”. O facto de antigamente se pensar que os ciganos eram oriundos de Egípcio deixa supor que vieram desde a Índia pela rota do Sul.

É no século XV que um ou vários grupos de ciganos entram na península ibérica, e é nesta altura que aparecem as primeiras referências literárias em Portugal (Cancioneiro Geral de Garcia de Resende – 1516; “A farsa das ciganas”, de Gil Vicente – 1521).

Várias teorias são avançadas para explicar a sua entrada em Portugal: uma delas é que teriam sido convidados a entreter a corte real enquanto saltimbancos ou feiticeiros...

É a partir do século XVI que começam as animosidades e perseguições contra os ciganos. Em toda a Europa, verificam-se políticas incoerentes que oscilam entre a assimilação forçada e a rejeição total deste povo,

indo até à expulsão do território ou mesmo a condenação a morte.

Contudo, estas políticas apenas encontraram o fracasso: os ciganos mantiveram quer a sua residência em todos os países da Europa, quer muitas das suas tradições culturais.

Acompanhando a tendência europeia, identificam-se também nos ciganos importantes fluxos migratório para a América nos séculos XVIII e XIX.

Durante o Século XX a perseguição mostra-se cada vez mais rígida, e culmina, a nível europeu, nos anos 1940 com o genocídio Nazi (chamado Porajmos em Caló), como o ilustra este slogan nazi de 1941: “Depois dos judeus, os ciganos”.

Apesar de ser um fenómeno menos bem estudado do que a Shoah – genocídio Nazi, talvez por causa da falta de organização e representação da comunidade cigana, estima-se que foram mortos entre 200 e 500 mil ciganos nos campos de extermínio e de concentração. Esta falta de organização da comunidade levou a que poucas ou nenhuma vítimas ciganas tenham pedido/obtido alguma compensação após a guerra, ao contrário do que aconteceu com o povo judeu.

A História do povo cigano é mais a história das perseguições e discriminações de que eles foram alvo. Hoje em dia, ainda se repetem alguns destes actos, e Portugal não difere de outros países europeus. O nomadismo forçado é uma das formas de discriminação actual, talvez a mais radical, continuando a existir actos ou atitudes isolados de racismo e discriminação racial que, acumulados e vivenciados durante a vida inteira põem em causa todo processo ou mesmo tentativa de integração social.

A lei cigana

Lei cigana é o nome dado às leis internas, forma de estar comum nestas comunidades. Os ciganos seguem um conjunto de códigos sociais e o respeito destas regras condiciona a completa pertença dos indivíduos ao grupo. Estas regras regem todos os domínios da vida - pessoais e sociais – dos membros do grupo.

A autoridade no grupo é de tipo patriarcal. Os códigos, como foi já referido, são orais.

OS CONTRÁRIOS

Como em todas as organizações sociais, nas comunidades ciganas existem regras destinadas a regular as relações entre indivíduos. Uma dessas regras fundamentais é a lei dos contrários, que rege as relações entre famílias em conflito.

Após uma labuta – briga em cigano, reúne-se o chamado tribunal cigano, que decidirá das consequências para os diferentes indivíduos envolvidos. Este tribunal é composto pelos homens reconhecidos pela comunidade como sendo correctos de palavra e corajosos, chamados “homens de respeito”. São geralmente pessoas mais velhas.

No caso de uma labuta sem graves danos, o tribunal decide da eventual expulsão temporária da comunidade da família envolvida. Se acontecer uma labuta grave, incluindo a morte de uma pessoa, todos os familiares próximos de quem cometeu o crime correm perigo de vida. Os homens saem de casa, podendo as mulheres ficar mas com grandes restrições.

As famílias envolvidas são então decretadas como contrárias, não se podendo juntar sem correr o risco de se repetir e alargar o conflito em causa. É de salientar que o objectivo desta regra é restabelecer a paz dentro do grupo. O tribunal cigano apenas decide dar represálias como o afastamento das pessoas e famílias envolvidas, para evitar a continuação do conflito e sua ampliação: não são decisões de carácter vingativo.

Este aspecto vai contra os princípios de sedentarização da sociedade maioritária, mas pode explicar uma ausência mais ou menos prolongada de crianças na escola, o facto de algumas crianças ficarem a cargo

de parentes durante algum tempo e mudarem de casa, ou ainda casos em que adultos se ausentam repentinamente da sua residência fixa.

DONOS DAS SUAS ALDEIAS

Existe uma lei cigana pouco conhecida relativa à distribuição geográfica das comunidades, sobretudo no mundo rural. Cada comunidade, que muitas vezes é constituída por uma família alargada, dispõe de um território para a sua instalação. Nenhum membro de outra comunidade se instalará de forma definitiva neste território, salvo no caso de união matrimonial. Esta lei explica a estabilidade do número de pessoas residente nas aldeias.

Mais importante ainda, esta lei desconstrói o preconceito largamente difundido segundo o qual os ciganos são nómadas: o nomadismo é muito reduzido nestas comunidades, e quando existe, não é na grande maioria dos casos por opção própria das famílias. Nalguns territórios, esta regra de domínio familiar já não rege as deslocações e instalações das famílias ciganas, podendo dar origem ao crescimento da comunidade inicial.

A NOÇÃO DE FAMÍLIA: LUTO, CASAMENTO E EDUCAÇÃO

:: O LUTO

O luto é o nome dado ao período após a morte de um familiar, em que os indivíduos estão limitados nas suas actividades e relações sociais.

A duração deste período difere em função da proximidade com o familiar falecido e o grau de tradicionalismo da própria família.

Excepto algumas diferenças entre tradições familiares ou especificidades individuais, podemos dar alguns exemplos de período de luto: do marido ou do filho, dura a vida inteira da viúva ou mãe; para o pai, os filhos respeitam o luto durante 2 a 3 anos; de um tio, são 3 a 6 meses de luto para os sobrinhos.

Neste momento de luto, as regras são rígidas, e constroem particularmente a mulher. Muda o seu traje, que se reduz a umas roupas sóbrias e pretas; passa a usar o cabelo cortado; é-lhe proibido o uso

de jóias e maquilhagem. Estes elementos estão relacionados com a imagem da feminilidade, da atracção que a mulher representa para os homens. Como respeito do familiar desaparecido, é-lhe proibido representar ou suscitar alguma forma de desejo.

Os homens passam a usar cabelo e barba compridos, além do tradicional traje preto.

Ambos os géneros vêm os seus direitos à diversão muito limitados: a festa, a música, o álcool são então banidos da sua vida. No início do período de luto, por exemplo, não se come carne.

O luto é sinónimo de ruptura com “coisas boas da vida” (convívio, alegria, festas...), que resulta num propositado prolongar da dor. Também significa uma perda de identidade, de valor social, particularmente no caso da mulher: passa-se a ser a “viúva de”, perde direitos sociais, é menos considerada dentro da sua comunidade. No entanto, o respeito rigoroso destas regras durante a vida toda confere à pessoa em luto com já uma certa idade, até à mulher, um estatuto privilegiado dentro da comunidade, tornando-se progressivamente “uma pessoa de honra”.

Os constrangimentos acima descritos podem ter consequências a nível da frequência escolar das crianças: em famílias mais tradicionalistas, o luto leva a proibir a participação das crianças em aulas de música, em visionamento de filmes/vídeos...

Habitualmente, não se diz, não se escreve, não se lê o nome de um defunto. Nalguns casos, também são escondidas ou destruídas as fotografias desta pessoa. Regra geral, evita-se mencionar o nome de um morto.

Nos últimos tempos, notaram-se algumas mudanças, num sentido de impor menos rigidez. Estas mudanças estão directamente ligadas à evolução do modo de vida que as comunidades ciganas seguiram. Por exemplo, o traje adoptado mudou: antigamente levava-se um lenço branco na cabeça debaixo do preto.

Com a sedentarização, houve evoluções, tendo sido mais acentuadas nas zonas urbanas. No tempo do nomadismo, a mulher não tomava banho durante um ano (pudor ligado ao facto de ter que se mostrar ou arriscar se mostrar para se lavar). Esta regra progressivamente desapareceu, devido à maioria das pessoas viverem em condições que lhe permitem esconder este momento íntimo.

Normalmente, os familiares próximos da pessoa falecida encarregam-

se de manter a campa cuidada. Trata-se de uma ida quotidiana ao cemitério, pelo menos nos primeiros anos após a morte, contribuindo financeiramente todos para os custos envolvidos.

:: O CASAMENTO

O que chamaremos aqui casamento é em realidade união de facto, sendo poucos os casais ciganos que se unem perante o registo civil – situação que exclui os direitos inerentes ao casamento formal. São geralmente uniões precoces (a partir dos 13 anos para as raparigas, 14/15 para os rapazes) e de natureza endogâmica, isto é, dentro da comunidade, como forma de preservação da cultura cigana. Os casamentos podem ser combinados entre os pais dos noivos durante a sua infância, ou resultar de um acordo entre pais de solteiros (jovens em idade de casar). É a família do rapaz que efectua o pedimento, pedido em casamento de uma rapariga, e se chegam a acordo, então o rapaz e a rapariga passam a ser pedidos (tendo evoluído com o tempo, as raparigas hoje em dia também o podem fazer, por intermédio dos pais).

A valorização de uma mulher passa pelo seu casamento: quanto mais pedimentos tiver uma rapariga, mais “valor” tem (poder “dar as cabaças” – recusar um pretendente – é um dos poucos privilégios da mulher).

O casamento confere estatuto social à pessoa, sendo a quase única forma de ascensão social na comunidade. Assim, enquanto os não ciganos apostam na educação formal dos filhos para adquirir reconhecimento dentro da comunidade não cigana, os ciganos preferem dar importância à preparação dos filhos, e nomeadamente das filhas, para a sua união matrimonial. Este investimento num tipo de educação dos filhos pode levar, e leva efectivamente na maioria dos casos, os jovens a se desinteressarem pela escola, se afastarem de comunidades não ciganas...

O casamento constitui um acontecimento de primeira importância para os indivíduos, mas também para a comunidade, e explica muitas das ausências temporárias das crianças ciganas na escola. É um evento social, em que muitas das relações intracomunitárias são desenvolvidas (de famílias, de negócios, religiosas...).

A cerimónia segue determinados rituais, que as famílias respeitam mais ou menos rigorosamente consoante os recursos financeiros de que

dispõe: a festa costuma durar de 2 a 3 dias.

Na elaboração da lista de convidados, tem-se uma atenção especial às famílias contrárias.

No caso de um casamento depois de fugimento, é a família da noiva que decide a lista de convidados. O fugimento é a forma que têm os jovens ciganos de contornar a vontade das suas famílias na escolha do seu parceiro, ou de apressar um casamento já acordado. Após o desaparecimento dos dois jovens durante alguns dias, a comunidade encontra-se na obrigação de reconhecer a união e de passar de imediato ao casamento. É de salientar que este acto de fugimento pode ter consequências importantes para o casal no seu estatuto social: se os fugidos tiverem consumado o casamento antes da festa de casamento, o casal terá a partir daí menos consideração social dentro do seu grupo.

Em cada um dos dias do casamento, existem cerimoniais. Por exemplo, o teste da virgindade, realizado pelas anciãs da comunidade, surge no 2º dia. A virgindade da noiva é fundamental para o casamento: é exigido um grande rigor por parte das raparigas neste aspecto. O seu controlo requer o envolvimento de toda a família, por representar a sua própria reputação. Trata-se da honra da rapariga, e da família. Com o efeito de demonstrar estatuto social junto dos seus congéneres, os ciganos mudam de roupa muitas vezes ao longo da festa: quanto mais roupas vestidas, mais belo é considerado o casamento. Contrariando uma ideia largamente difundida, o divórcio, ou a separação, existe na comunidade cigana, apesar de ser em casos raros. No entanto, o processo é conduzido pelas famílias dos membros do casal. É a mulher que sai do lar, e leva com ela apenas as crianças pequenas, as outras ficando sob a responsabilidade do pai. A seguir, quer a mulher, quer o homem podem voltar a casar.

Educação

Desde a infância, a educação das crianças é fortemente diferenciada entre rapazes e raparigas, dando mais liberdade aos rapazes.

Em todas as suas actividades, as raparigas estão vigiadas e circunscritas. Por exemplo quando vêm televisão, elas não podem assistir a qualquer programa, e estão sempre sob vigilância de um familiar. Obviamente, estas regras são mais ou menos rígidas consoante as famílias.

A família alargada é envolvida no processo educativo dos filhos, integrando várias gerações: avós e tios, mas também irmãos mais velhos e primos, intervêm a qualquer momento.

Tradicionalmente nos primeiros meses de vida, alimentam-se os bebés por via da amamentação, sem quaisquer regras ou horários. Este período pode ser prolongado durante muito tempo, até vários anos. Contudo hoje-em-dia observa-se a tendência inversa, começando-se a notar a preferência, por parte das mães mais jovens, da alimentação por via de biberão.

Durante o crescimento das crianças, é privilegiada a aprendizagem de certos valores, como o respeito dos mais velhos, a autonomização, a solidariedade dentro do grupo... e sempre um sentido agudo de pertença ao grupo.

As meninas aprendem cedo a tomar conta da casa, e dos irmãos mais novos. Representam um importante apoio à mãe, responsável por todas as tarefas domésticas. Este apoio tem também e sobretudo outro significado: o de educar as raparigas para as suas futuras funções de dona de casa, quando casarem.

Paralelamente, os rapazes são incentivados desde muito pequenos a acompanhar o pai de família, ou outro membro masculino, nas suas actividades, como forma de iniciação.

Nas comunidades ciganas, a criança cresce em plena liberdade, com regras diferentes dos não ciganos. Costuma-se deixar decisões como ir ou não ir à escola ao seu critério.

O ritmo de crescimento da criança é diferente nas comunidades ciganas. É considerada "muito pequenina" durante muito tempo (são criancinhas até aos 7 ou 8 anos). Aos 10/11 anos, nomeadamente as raparigas, passam a ter um papel cada vez mais activo na vida da família. E a partir dos 13/14 anos, quer os rapazes, quer as raparigas, são

considerados como prontos para casar.

Assim, o tempo dedicado à primeira infância é maior do que na educação das crianças não ciganas. E as mesmas crianças entram na vida “adulta” muito mais cedo do que os não ciganos. É apenas este intervalo de tempo muito reduzido que pode ser dedicado à escola.

Muitas vezes as crianças ciganas não têm o tempo suficiente para desenvolver as competências transmitidas na escola.

Por fim, outra particularidade das comunidades ciganas é a atribuição de dois nomes a cada pessoa, escolhidos pelos padrinhos. Todos têm um nome oficial, aquele que figura no Bilhete de Identidade, e que é divulgado aos não ciganos; e um “nome cigano” que geralmente fica confidencial dentro da comunidade. Curiosamente, este último não costuma ter algum carácter particular, ou conotação: acontece frequentemente o nome cigano de uma pessoa ser igual ao nome oficial de outra pessoa. As crianças aprendem muito cedo a não desvendar esta identidade, preferindo, no caso de não se lembrarem de um nome oficial, deixar sem resposta a quem perguntar, do que revelar o nome cigano. Nalguns casos, no entanto, o nome cigano é conhecido na comunidade não cigana, do mesmo modo que se utilizam alcunhas (costume bastante difundido no Alentejo).

A religião:

A Igreja Evangélica de Filadélfia

Recentemente, observou-se nas comunidades ciganas uma tendência forte em aderir a um movimento religioso chamado Igreja Evangélica de Filadélfia. Esta tendência verifica-se em toda a península ibérica, e de forma genérica em todas as comunidades ciganas no mundo (existem igrejas no Brasil, na Índia, na Europa de leste...).

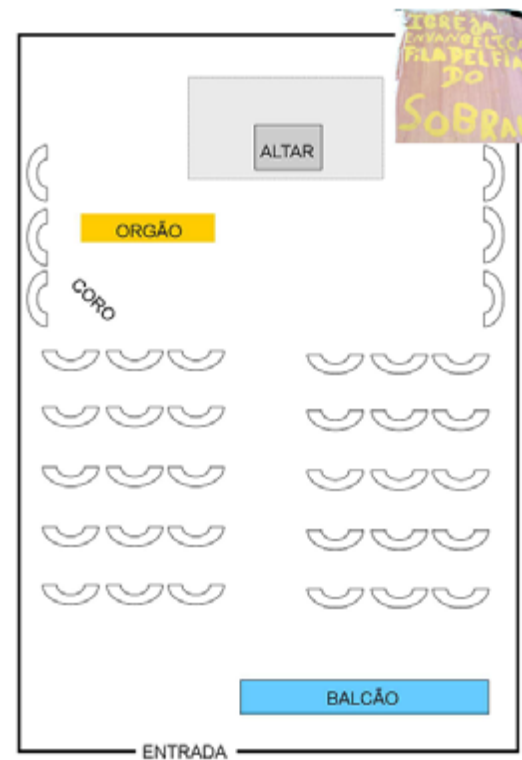
Trata-se de um movimento religioso iniciado nos anos 1950 em França – Região da Bretanha, e que chega à península Ibérica na década 1960. Este movimento pertence ao protestantismo (doutrina pentecostal e carismática: valoriza a presença do Espírito Santo, dá uma importância primordial à leitura e interpretação da bíblia), e o seu nome provém de uma das sete igrejas de Cristo citadas no apocalipse – antigo testamento, chamada Filadélfia.

Em 1950, em Brest, assistiu-se à cura milagrosa de uma pessoa cigana. Em 1952, foram pela primeira vez baptizados 4 ciganos pela igreja evangélica, pelo pastor Clément Le Cossec. É partir desta altura que o pastor Le Cossec iniciou um grande movimento de evangelização das comunidades ciganas pelo mundo inteiro, chamado Missão Evangélica Cigana, agora apoiado pelos seus filhos. Em Portugal, foi o pastor Emiliano que deu o impulso à evangelização dos ciganos a partir dos anos 1960.

Sendo protestante, a religião proíbe a iconografia, e promove a relação directa entre o crente e Deus.

Segundo o sistema elaborado pelo Cossec em França, as pessoas querendo aceder ao estatuto de pastor devem passar por uma série de iniciações: um primeiro “estágio” numa escola bíblica (entre 4 a 6 meses), seguido de uma tutoria de 5 anos dirigida por um pastor experiente e reconhecido permitem a um jovem ter a pretensão de ser pastor. O pastor tem um lugar preponderante na comunidade, representa autoridade moral. Assume também muitas vezes papel de liderança da comunidade. De igual modo, a mulher do pastor, sem ela própria ter funções formais, assume responsabilidades de apoio e

orientação junto das mulheres da comunidade. Curiosamente, os pastores não costumam pastorear na sua respectiva comunidade (apenas no início da sua carreira, quando apenas tem um estatuto "local"). Em Portugal, a igreja evangélica tem uma hierarquia bastante simples. Organiza-se em delegações regionais (Lisboa, Norte e Centro, Algarve e Alentejo). Cada zona tem um responsável que, juntamente com um presidente, um secretário e os anciões (pastores de idade que já não pastoreiam) formam um conselho de administração. O baptizado marca a real entrada de uma pessoa na comunidade religiosa, por volta dos 14 ou 15 anos (corresponde geralmente à idade de casar): os jovens estão finalmente com capacidade para assumir as responsabilidades necessárias quer na vida espiritual, quer na vida de família. Além de momentos individuais de oração, a prática comunitária da religião concretiza-se em momentos chamados "cultos": junta-se a comunidade de crentes na igreja para ouvir a palavra do pastor. No entanto, a palavra "culto" pode ter vários sentidos, consoante a sua utilização: "eu faço culto" diz uma pessoa para definir o momento de oração individual, diz-se "eu vou ao culto" para indicar onde decorre a cerimónia, e dirá "eu sou do culto" uma pessoa que quer explicar que pertence ao movimento religioso. Existe uma importante separação dos géneros ligada à prática do culto: dentro da igreja, os crentes estão fisicamente separados (de um lado os homens, de outro as mulheres), o coro só pode ser composto por membros de um dos sexos, só os homens podem aceder ao estatuto de pastor.



O DECORRER DO CULTO

Globalmente, vários elementos pontuam o culto: apresentações e boas vindas, orações, participação dos crentes da assistência, testemunhos, recados... interrompidos por músicas interpretadas pelo coro. São etapas dificilmente distinguíveis, cruzadas durante toda a duração do culto. A prática do culto é vulgarizada: os crentes não acompanham o culto com a bíblia, nem outro documento escrito. Têm a possibilidade de se exprimir com cantos, gritos, movimentos em todos os momentos. A missa é em língua secular, o português. Tem uma duração aproximadamente de 2h.

Habitualmente, o pastor encarrega informalmente um dos adultos – homem – de vigiar as crianças, que andam à vontade delas na igreja durante o culto, brincando, correndo, comendo...

:: O PAPEL DA MÚSICA

A música ocupa o lugar central. O Órgão toca sem interrupção, desde o check som até ao final.

As melodias são simples e pré-gravadas, o som quer dos instrumentos, quer do microfone do pastor, é alto. O coro interpreta músicas com mensagens religiosas simples, e a assistência acompanha com palmas. As igrejas que conhecemos – as da Póvoa de São Miguel e do Sobral da Adiça – são edifícios precários, construídos pelos próprios membros da comunidade, de ferro, de lata, de panos e madeira. Estão situadas no meio dos seus lugares de vida (acampamento ou bairro) apenas diferenciadas dos outros edifícios por uma placa a indicar "Igreja Evangélica de Filadélfia de ...", com o nome da aldeia.

O interior da igreja (ver figura) é composto por várias zonas separadas: à entrada, situa-se um balcão onde são vendidos águas e pacotes de batatas fritas. Separadas no meio por um corredor, vêm a seguir cadeiras de plástico, organizadas em fila, onde se senta a assistência. Mais à frente, e virados de perfil, ficam os assentos para os membros do coro, e os membros mais activos da comunidade de crentes. No centro, fica o altar do pastor, mais alto. Entre o coro e o pastor, o órgão, principal instrumento de música utilizado, eventualmente acompanhado por uma guitarra, tijolos ou uma bateria.

As cerimónias, ou cultos, podem juntar várias comunidades. Por exemplo, a comunidade cigana de Santo Aleixo da Restauração não

tem igreja, e participa então em cultos de outras aldeias (Póvoa de São Miguel, Safara, ou Amareleja). Os cultos são organizados com regularidade e com frequência (2 ou 3 vezes por semana), no final da tarde.

Para terminar, podemos abordar a dimensão social e a importância comunitária do culto nas comunidades ciganas.

Concretamente, a comunidade junta-se, acolhe os seus visitantes e organiza a cerimónia mesmo antes de o culto começar. É então um momento privilegiado para as relações sociais, onde se concluem acordos, se conhecem pessoas de diferentes comunidades, onde se trocam informações...

Comunidades ciganas de Sobral da Adiça e Póvoa de São Miguel

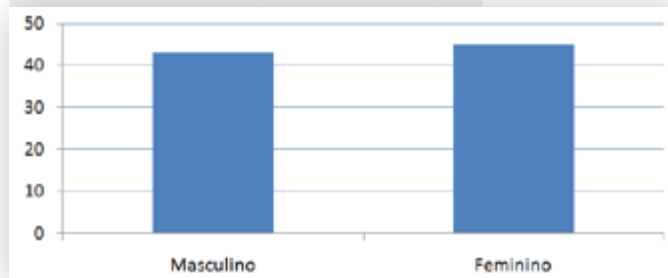




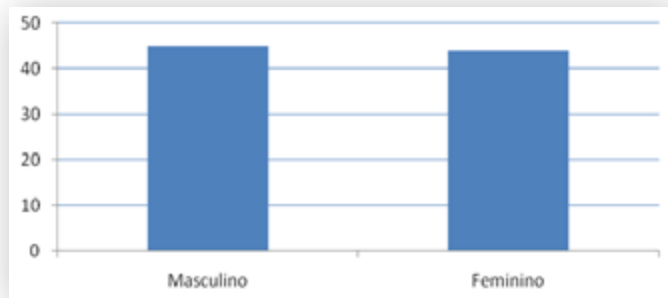
As comunidades ciganas residentes no Sobral da Adiça e na Póvoa de São Miguel têm características semelhantes, daí neste capítulo ser realizada a recolha e análise conjunta dos seus dados sócio-demográficos. Na Póvoa de São Miguel, da comunidade cigana fazem parte 90 indivíduos repartidos por 23 núcleos familiares. Como nesta freguesia residem 1094 pessoas, a comunidade cigana representa aproximadamente 8% da população total. No caso do Sobral da Adiça a comunidade cigana é constituída por 88 indivíduos distribuídos por 22 núcleos familiares. Uma vez que nesta freguesia residem 1046 pessoas, a comunidade cigana constitui 9% da população total.

No que respeita às diferenças de género podemos dizer que a distribuição na comunidade cigana de Sobral da Adiça, tal como na Póvoa de São Miguel, é muito próxima daquela que se encontra em populações com uma distribuição normal, sendo também concordante com os dados do INE de 2001 sobre a distribuição por género no concelho de Moura (50,3% de homens e 48,7% de mulheres).

GRÁFICO 1 - DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO

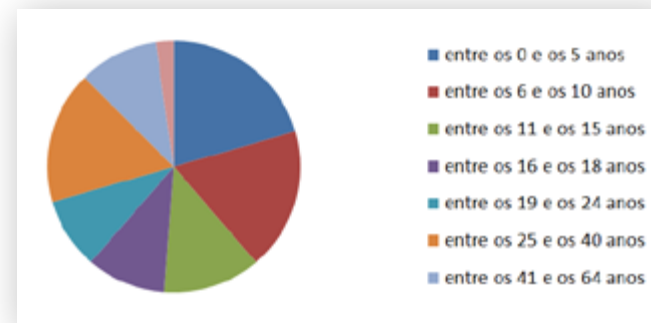


POR GÉNERO (SOBRAL DA ADIÇA)

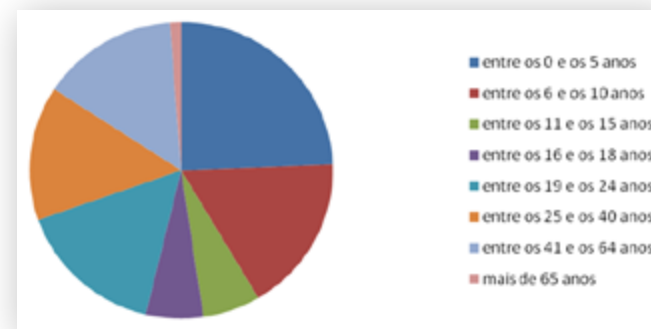


**GRÁFICO 2 - DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO
POR GÉNERO (PÓVOA DE SÃO MIGUEL)**

Como é característico nas comunidades ciganas, no Sobral da Adiça e na Póvoa de São Miguel também a população é tendencialmente jovem, com uma média de idade de 20,4 e 20 anos respectivamente, enquanto na população residente na região do Alentejo a idade média é de 43,1 anos (Censos, 2001).



**GRAFICO 3 - DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO
POR FAIXA ETÁRIA (SOBRAL DA ADIÇA)**



**GRAFICO 4 - DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO POR
FAIXA ETÁRIA (PÓVOA DE SÃO MIGUEL)**

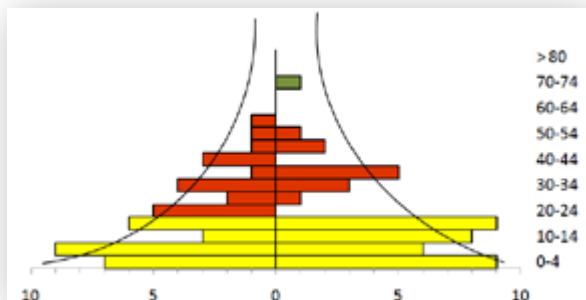


GRÁFICO 5 - PIRÂMIDE ETÁRIA DA COMUNIDADE CIGANA DE SOBRAL DA ADIÇA.

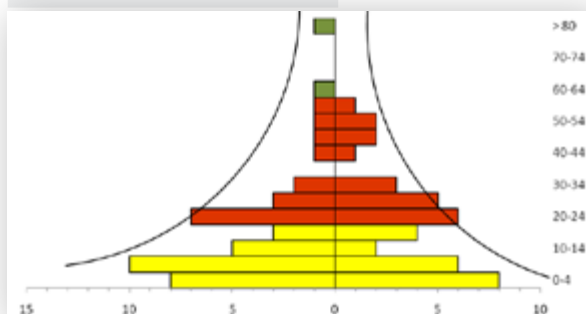


GRÁFICO 6 - PIRÂMIDE ETÁRIA DA COMUNIDADE CIGANA DA PÓVOA DE SÃO MIGUEL

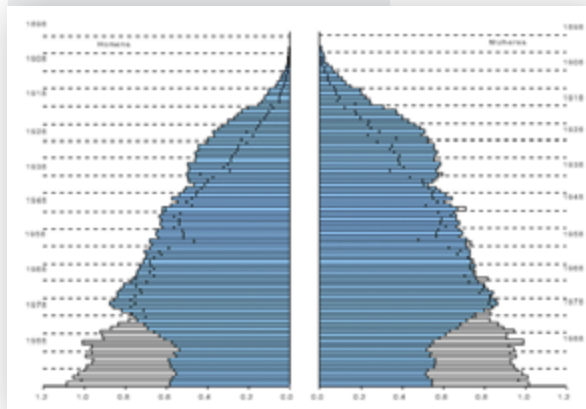


GRÁFICO 7 - PIRÂMIDE ETÁRIA DA POPULAÇÃO PORTUGUESA 1991 (CINZENTO) VS. 2001 (AZUL)

fica por sexo/ idade, como também estudar a qualidade de vida das populações. A comparação entre os gráficos 5, 6 e 7 permite confirmar as especificidades da comunidade cigana. Enquanto a estrutura etária, tanto da comunidade cigana de Sobral da Adiça como da comunidade cigana da Póvoa de São Miguel, é característica de um país em vias de desenvolvimento, com uma percentagem grande de jovens, alta taxa de natalidade, um baixo índice de envelhecimento e esperança média de vida baixa. Por oposição, a pirâmide etária de Portugal traduz o envelhecimento da população quer na base, com baixa proporção de jovens face ao total, quer no topo, com altos índices de envelhecimento. A pirâmide etária portuguesa é típica de um país desenvolvido e industrializado.

O Alentejo constitui a região mais envelhecida de todo o território nacional, registando a maior proporção de idosos: 22,3% e, simultaneamente, a mais baixa de jovens (13,7%) (INE, 2001). Nos casos das comunidades ciganas ciganas de Sobral da Adiça e da Póvoa de São Miguel por contraposição destacam-se os índices de rejuvenescimento.

TABELA 1 - PROPORÇÃO DE IDOSOS E JOVENS (SOBRAL DA ADIÇA)

	<i>Proporção de idosos</i>	<i>Proporção de jovens</i>
Concelho de Moura	22.4%	15.3%
Freguesia de Sobral da Adiça	28.4%	11.8%
Comunidade cigana residente em Sobral da Adiça	2.3%	47.2%

As pirâmides etárias permitem não só analisar a distribuição demográfica

TABELA 2 - PROPORÇÃO DE IDOSOS E JOVENS (PÓVOA DE SÃO MIGUEL)

	<i>Proporção de idosos</i>	<i>Proporção de jovens</i>
Concelho de Moura	22.4%	15.3%
Freguesia de Póvoa de São Miguel	26.1%	15.7%
Comunidade cigana residente na Póvoa de São Miguel	1%	39%

A esperança média de vida está directamente relacionada com o grau de desenvolvimento dos países, o que significa que quanto mais desenvolvido for o país, maior será o número de anos que o indivíduo terá, à nascença, probabilidade de viver. Tanto a comunidade cigana de Sobral da Adiça como a de Póvoa de São Miguel apesar de estarem incluídas na população portuguesa possuem uma esperança média de vida muito inferior, o que pode estar associado a algumas características como: acesso a serviços de saúde, condições de vida, comportamentos de risco.

Quanto ao tipo de habitação podemos observar que a comunidade cigana do Sobral da Adiça vive em condições precárias. A percentagem desta população que vive em barracas ou outros equivalentes é de 76,1%, enquanto no concelho este valor não ultrapassa os 0.8%. A mesma tendência se verifica no acesso à água e à electricidade: 76,1% das habitações da comunidade cigana do Sobral da Adiça não têm acesso a estes bens básicos, condições que na população do concelho só se verificam em 1.2% (água) e 1.6% (electricidade).

TABELA 3 - NÚMERO DE PESSOAS RESIDENTES EM SOBRAL DA ADIÇA POR TIPO DE HABITAÇÃO

<i>Tipo de habitação</i>	<i>Nº de indivíduos</i>	<i>Percentagem</i>
casa	21	23,9
barraca	67	76,1
tenda	0	0
Total	88	100

TABELA 4 - NÚMERO DE PESSOAS RESIDENTES EM SOBRAL DA ADIÇA POR TIPO DE HABITAÇÃO E INSTALAÇÕES EXISTENTES NOS SEUS ALOJAMENTOS

<i>Tipo de Habitação</i>	<i>Acesso à água</i>		<i>Acesso à electricidade</i>	
	Sim	Não	Sim	Não
Casa	21	0	21	0
Barraca	15	52	0	67
Tenda	0	0	0	0
Total	36	52	21	67

TABELA 5 - % DE ALOJAMENTOS SEGUNDO AS CONDIÇÕES EXISTENTES (SOBRAL DA ADIÇA)

<i>Características dos alojamentos</i>	<i>Sem electricidade</i>	<i>Sem acesso à água</i>	<i>% alojamentos não clássicos (barracas /casas de madeira /outros)</i>
Distrito de Beja	2%	3.6%	0.4%
Concelho de Moura	1.2%	1.6%	0.8%
Freguesia de Sobral da Adiça	1.3%	1.3%	0%
Pertencentes à comunidade cigana de Sobral da Adiça	68.4%	84.2%	84.2%

TABELA 6

NÚMERO DE PESSOAS RESIDENTES NA PÓVOA DE SÃO MIGUEL POR TIPO DE HABITAÇÃO

<i>Tipo de habitação</i>	<i>Nº de indivíduos</i>	<i>Percentagem</i>
Casa	81	90
Barraca	5	5,6
Tenda	4	4,4
Total	85	100

TABELA 7

NÚMERO DE PESSOAS RESIDENTES NA PÓVOA DE SÃO MIGUEL POR TIPO DE HABITAÇÃO E INSTALAÇÕES EXISTENTES NOS SEUS ALOJAMENTOS

<i>Tipo de Habitação</i>	<i>Acesso à água</i>		<i>Acesso à electricidade</i>	
	<i>Sim</i>	<i>Não</i>	<i>Sim</i>	<i>Não</i>
Casa	71	7	71	7
Barraca	0	5	0	5
Tenda	0	4	0	4
Total	71	16	71	16

TABELA 8

% DE ALOJAMENTOS SEGUNDO AS CONDIÇÕES EXISTENTES (PÓVOA DE SÃO MIGUEL)

<i>Características dos alojamentos</i>	<i>Sem electricidade</i>	<i>Sem acesso à água</i>	<i>% alojamentos não clássicos (barracas/casas de madeira/outros)</i>
Distrito de Beja	2%	3.6%	0.4%
Concelho de Moura	1.2%	1.6%	0.8%
Freguesia da Póvoa de São Miguel	3.9%	4.4%	0.2%
Pertencentes à comunidade cigana da Póvoa de São Miguel	18.8%	25%	12.5%

Para além das condições existentes nos alojamentos onde vive a comunidade cigana nestas duas aldeias, todos os alojamentos familiares destas comunidades estão sobrelotados. Enquanto isto, a sobrelotação no concelho de Moura só se verifica em 18.4% dos alojamentos. No caso da comunidade cigana de Sobral da Adiça, o número médio de habitantes por alojamento, que no máximo são o equivalente a T2, é de aproximadamente 5,84 pessoas. Na Póvoa de São Miguel, o número médio de habitantes por habitação (T2) da comunidade cigana, é de aproximadamente 7 pessoas. O número médio de habitantes por casa no concelho é de 3 pessoas.

TABELA 9

Nº DE ELEMENTOS POR FAMÍLIA CLÁSSICA/ ALOJAMENTO (SOBRAL DA ADIÇA)

Nº de indivíduos	88
Média	5,84
Mediana	5
Moda	5
Mínimo	1
Máximo	11

TABELA 10

Nº DE ELEMENTOS POR FAMÍLIA CLÁSSICA/ ALOJAMENTO (PÓVOA DE SÃO MIGUEL)

Nº de indivíduos	90
NS	1
Media	6,93
Mediana	6,00
Moda	5
Mínimo	2
Máximo	13

Na região do Alentejo o número médio de elementos do agregado familiar é de 2,6 (Censos 2001). De acordo com o PDS de Moura, no concelho de Moura as famílias ciganas têm em média 4 elementos por agregado familiar. No caso das comunidades ciganas de Sobral da Adiça e Póvoa de São Miguel a média de pessoas por núcleo familiar é de 5.

Assim, apesar das diferenças entre estas duas comunidades ciganas, especialmente no que se refere à habitação, observam-se tendências muito semelhantes nos vários indicadores em análise.

Visando a sistematização do conhecimento adquirido durante os 5 anos de experiência do projeto Encontros na área da escolarização das comunidades ciganas, o caderno “A Escola” do observatório sociodemográfico das comunidades ciganas beneficia da sua 3ª atualização.

Cada atualização deste observatório constituiu um melhoramento em termos de aumento e diversificação de fontes de informação e da amostra. Com esta 3ª atualização, para além da inclusão de informação relativa aos dois últimos anos letivos foi possível incluir um estudo mais pormenorizado de um dos Agrupamentos de Escolas do concelho de Moura. Por fim, todas estas novas informações permitiram uma análise e discussão dos dados mais abrangente.

A necessidade de melhorar o conhecimento da situação escolar de alunos/as ciganos/nas na escola é uma das prioridades da Estratégia Nacional para a Integração das Comunidades Ciganas (2011/2012). Contudo isto é uma necessidade também sentida a nível regional no contexto da Plataforma Supra Concelhia do Baixo Alentejo – Grupo de Trabalho das Minorias étnicas que definiu como objetivo em 2012 obter informação sobre o setor da Educação. A nível local é objetivo estratégico do Plano de Desenvolvimento Social de Moura (2011/2012) a realização de um estudo de caracterização da população cigana, em que a educação é um dos temas a explorar. Desta forma, este documento responde a uma necessidade totalmente identificada e priorizada.

Este documento baseia-se não só na observação participante da equipa do projeto Encontros, mas também no cruzamento de informações oriundas de documentos oficiais de várias escolas do concelho: Listas de Turmas, Pautas de Avaliação, Relatórios e Apresentações públicas. Assim reúne-se material de cariz mais quantitativo, estandardizado e formal com fontes de informação de tipo qualitativo e informal, tornando os resultados aqui apresentados mais ricos, complexos e próximos da realidade das escolas.

A população em estudo neste observatório é constituída por 131 crianças e jovens que estudam ou estudaram nas escolas EB1 de Sobral da Adiça ou EB1 da Póvoa de São Miguel. Procedeu-se a um acompanhamento longitudinal do sucesso escolar das crianças desde o ano letivo 2005/2006. Optou-se por não criar uma amostra, mas sim por estudar toda a população que reunia estas 2 características: ter estudado nas EB1 de Sobral da Adiça ou Póvoa de São Miguel e ter estudado entre os anos letivos de 2005/2006 e 2011/2012. Os dados recolhidos foram depois

submetidos à análise estatística descritiva, utilizando o software SPSS. Não se pretende em nenhum momento fazer uma análise comparativa entre escolas, mas sim entre indivíduos, de modo a recolher informação sobre a escolarização de crianças e jovens ciganos de forma a promover intervenções adaptadas e potenciar os resultados das mesmas. No concelho de Moura os alunos ciganos estão distribuídos heterogeneamente pelas escolas. Considerando em conjunto a EB1 de Sobral da Adiça e a EB1 da Póvoa de São Miguel, em média, no ano letivo de 2011/2012, 56% dos seus alunos são provenientes de comunidades ciganas. Na tabela 1 pode-se verificar a proporção de crianças ciganas nas escolas de 1º e 2º ciclo do concelho.

TABELA 11

PROPORÇÃO DE ALUNOS CIGANOS NO 1º E 2º CICLO DAS ESCOLAS DO CONCELHO DE MOURA NO ANO LETIVO DE 2011/2012

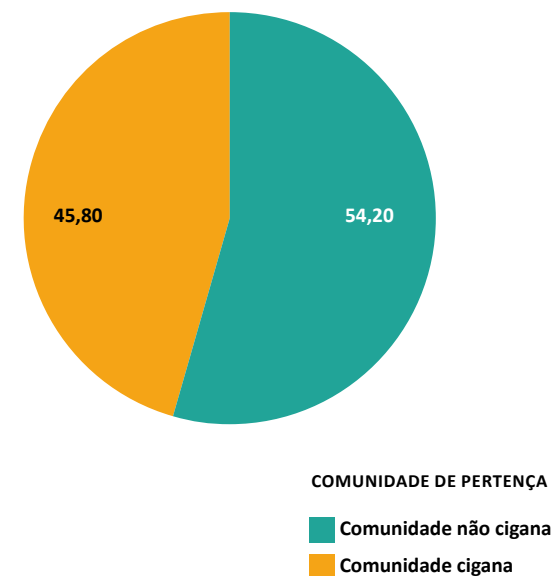
<i>Escola</i>	<i>Ciclo</i>	<i>Nº total de alunos</i>	<i>Nº de alunos ciganos</i>	<i>Percentagem de alunos ciganos</i>
EB1 do Fojo	1º ciclo	140	46	33%
EB1 da Porta Nova	1º ciclo	127	18	14%
EB1 do Bairro 25 de Abril	1º ciclo	62	23	37%
EB1 dos Bombeiros	1º ciclo	61	10	16%
EB1 do Sete e Meio	1º ciclo	82	15	18%
EB1 de Santo Amador	1º ciclo	16	0	0%
EB1 de Sobral da Adiça	1º ciclo	44	23	52%
EB1 de Amareleja	1º ciclo	152	26	17%
EB1 de Safara	1º ciclo	48	7	15%
EB1 de Santo Aleixo	1º ciclo	34	9	27%
EB1 da Póvoa de São Miguel	1º ciclo	34	20	59%
EB2+3 Moura – 5º ano	2º ciclo	148	33	22%
EB2+3 Moura – 6º ano	2º ciclo	156	17	11%
EBI da Amareleja – 5º ano	2º ciclo	51	0 ⁵	0%
EBI da Amareleja – 6º ano	2º ciclo	56	17	30%

⁵ Os alunos que integraram a turma Pief de 2º ciclo formalmente estão matriculados no 6ºano, apesar de poderem estar a adquirir conhecimentos iniciais deste ciclo do Ensino Básico.

Comparando com os dados recolhidos na segunda atualização deste observatório, referentes ao ano letivo 2009/2010, podemos verificar que apenas numa das EB1 do concelho há uma diminuição da proporção de alunos ciganos: EB1 do Fojo. Em todas as restantes escolas deste nível de ensino existe uma manutenção e até aumento da proporção de alunos ciganos, o que pode estar associado ao característico rejuvenescimento desta população. Destaca-se a EB1 de Sobral da Adiça com o maior aumento na proporção de alunos ciganos, passa de 40% para 52%. É ainda de realçar a EB1 da Póvoa de São Miguel cujo o aumento da proporção nestes 2 anos letivos não foi dos

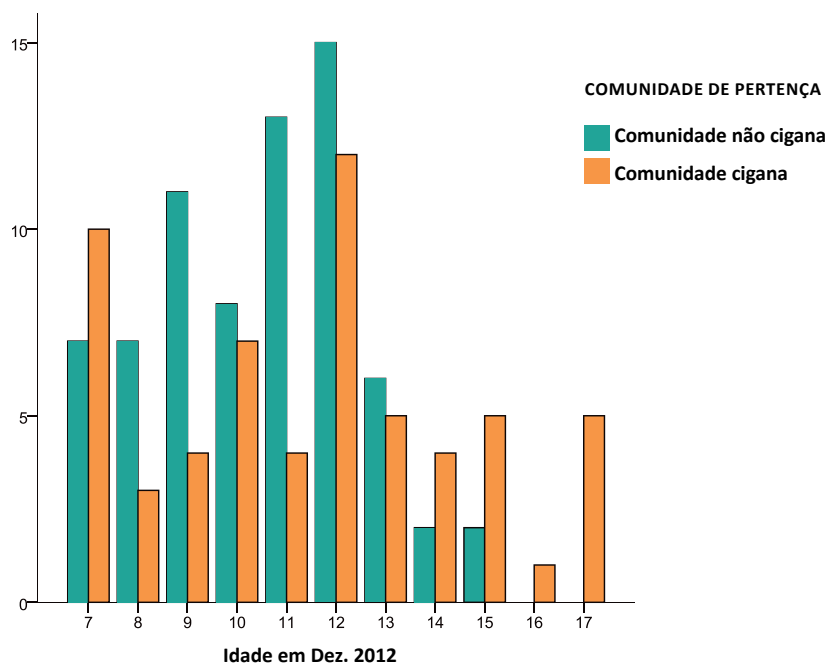
maiores, mas que continua a ser a EB1 do concelho onde a percentagem de alunos ciganos é maior, rondando os 60%. Nesta atualização do observatório dado o crescente número de alunos ciganos que estão inseridos no 2º CEB considerou-se pertinente incluir também a percentagem de alunos provenientes das comunidades ciganas matriculados no 5º e 6º ano de escolaridade.

A população em estudo é constituída por 71 indivíduos não ciganos, o que corresponde a 54% e 60 da comunidade cigana, o que representa 46% do número total, como podemos ver no Gráfico 1. A distribuição por sexo é de 47% de indivíduos do sexo masculino e 53% do sexo feminino.

GRÁFICO 8
DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO POR
COMUNIDADE DE PERTENÇA.


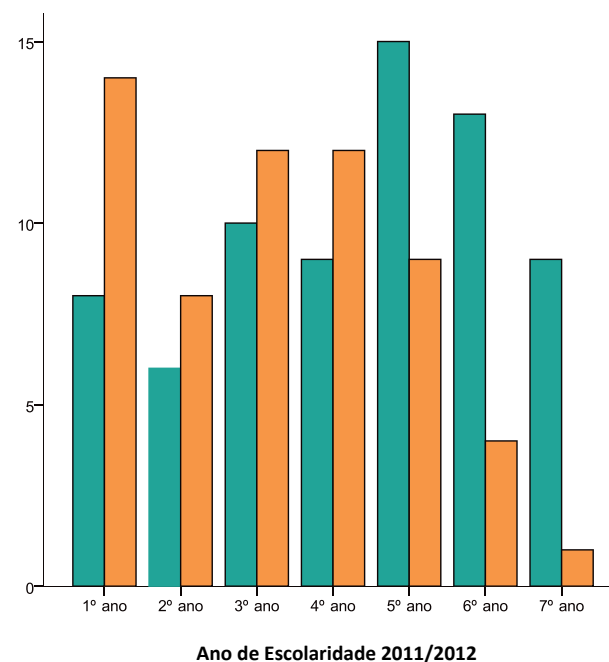
Quanto à distribuição dos indivíduos por idades (tendo por referência o mês de dezembro de 2012) a população inclui crianças e jovens entre os 7 e os 17 anos, sendo a moda os 12 anos. Os níveis de escolaridade aqui incluídos vão desde 1º ano até ao 7º ano. Assim, seria de esperar que, de acordo com percursos académicos sem retenções, não estivessem incluídos jovens com mais de 13 anos. Contudo, 14,5% da nossa população têm mais de 13 anos e destes 79% fazem parte da comunidade cigana. Isto reflete-se na presença de jovens ciganos nas escolas até mais tarde, fruto do seu insucesso ou absentismo escolar, o que leva a uma maior dispersão de faixas etárias por turma.

GRÁFICO 9
DISTRIBUIÇÃO DAS IDADES DA POPULAÇÃO POR COMUNIDADE DE PERTENÇA.



No que respeita à distribuição por nível de escolaridade frequentado em 2011/2012 verifica-se que, contrariamente à comunidade não cigana, entre as crianças e jovens da comunidade cigana após o término do 1º ciclo há um decréscimo gradual do número de alunos que constituem as turmas de 5º, 6º e 7º ano respetivamente.

GRÁFICO 10
DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO POR NÍVEL DE ESCOLARIDADE FREQUENTADO NO ANO LETIVO 2011/2012 POR COMUNIDADE DE PERTENÇA.



De acordo com os dados da Direção Regional de Educação do Alentejo (2004) e com a Carta Educativa do Concelho de Moura (2006) a taxa de aproveitamento escolar no 1º ciclo, no ano letivo de 2002/2003 era de 84%. Nesse ano letivo comparando esta taxa nas várias escolas do concelho destacam-se os resultados da EB1 de Sobral da Adiça com 73% e da EB1 de Póvoa de São Miguel com 63%, escolas com a taxa de aproveitamento mais reduzida do concelho. Estes números são ainda mais distantes daqueles que refletem o aproveitamento escolar na NUT II (90,7%) e a nível nacional (92,4%) no mesmo ano letivo.

Esta tendência que já se verificava em 2002/2003 manteve-se e a população constituída pelas duas escolas aqui em estudo, obteve como taxa de aproveitamento escolar global: 51,4% (ano letivo de 2005/2006); 72,4% (ano letivo de 2006/2007); 69,7% (ano letivo de 2007/2008); 85,2% (ano letivo de 2008/2009); 67% (ano letivo de 2009/2010); 75% (ano letivo de 2010/2011) e 82% (ano letivo de 2011/2012).

Olhando agora em pormenor para o ano letivo de 2006/2007 a taxa de aproveitamento escolar do conjunto das escolas EB1 de Sobral da Adiça e EB1 de Póvoa de São Miguel era de 72,4%. No concelho de Moura esta taxa era de 91% no 1º ciclo, enquanto em Portugal continental e na NUT II era de 96% (GEPE – ME, 2009).

A disparidade entre estes valores sugere a existência de alguma especificidade na população em estudo que se reflete no seu sucesso escolar.

TABELA 12

TAXA DE APROVEITAMENTO ESCOLAR POR COMUNIDADE DE ORIGEM

Ano letivo	Taxa de aproveitamento dos alunos provenientes da comunidade cigana	Taxa de aproveitamento dos alunos provenientes da comunidade não cigana
2005/2006	17.60%	83.30%
2006/2007	40.70%	100%
2007/2008	42.90%	92.7%
2008/2009	71.80%	95.90%
2009/2010	48.80%	82%
2010/2011	58%	88.50%
2011/2012	77.90%	84.60%

No que se refere aos indicadores de sucesso escolar, observam-se taxas de aproveitamento escolar com variações entre os anos letivos e com valores muito dispares quando comparamos resultados de crianças da comunidade não cigana com os resultados de crianças oriundas das comunidades ciganas.

Contudo também é notória a evolução positiva da taxa de aproveitamento escolar das crianças da comunidade cigana nestes 7 anos letivos em análise. De 2005/2006 em que a taxa de aproveitamento escolar das crianças ciganas em estudo era de 17,6% passámos em 2011/2012 para uma taxa de aproveitamento escolar de 77,9%.

Nos anos letivos entre 2005/2006 e 2010/2011 verifica-se que existe uma diferença estatisticamente significativa entre crianças oriundas da comunidade não cigana e cigana no que respeita a sua taxa de aproveitamento escolar, estas duas variáveis não são independentes.

Esta diferença de resultados das crianças na EB1 em função da comunidade de origem é significativa em termos estatísticos ($\alpha=0.01$) nos 6 anos letivos em estudo. Contudo no último ano letivo em análise – 2011/2012 – apesar de existir uma diferença, esta já não é significativa do ponto de vista estatístico. Se nos próximos anos letivos estas duas variáveis se mostrarem independentes indica que a comunidade de origem e a taxa de aproveitamento escolar deixam de estar correlacionadas. Isto demonstrará que a Escola conseguiu esbater as diferenças à partida das crianças e jovens que acolhe, sendo que a progressão escolar deixa de estar relacionada diretamente com a sua comunidade de origem.

GRÁFICO 11
SUCESSO ESCOLAR NO ANO LETIVO 2005/2006
POR COMUNIDADE DE ORIGEM

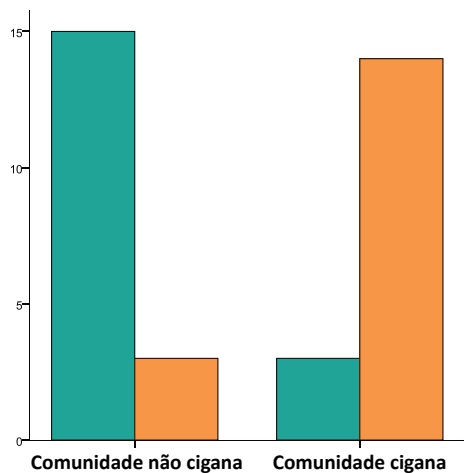


GRÁFICO 13
SUCESSO ESCOLAR NO ANO LETIVO 2007/2008
POR COMUNIDADE DE ORIGEM

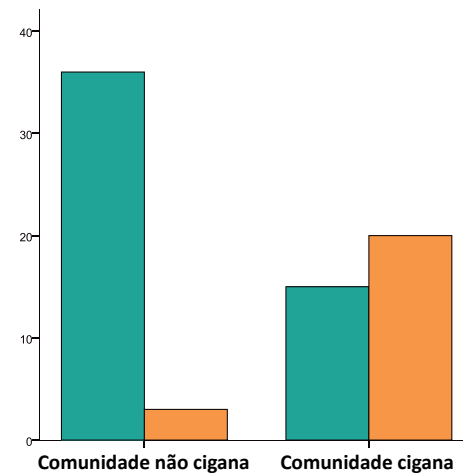
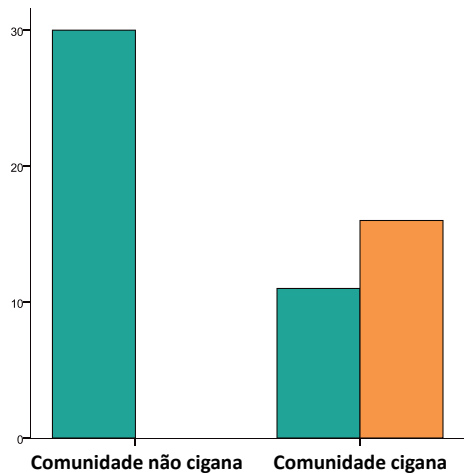


GRÁFICO 12
SUCESSO ESCOLAR NO ANO LETIVO 2006/2007
POR COMUNIDADE DE ORIGEM



■ Transitou
 ■ Reprovou

GRÁFICO 14
SUCESSO ESCOLAR NO ANO LETIVO 2008/2009
POR COMUNIDADE DE ORIGEM

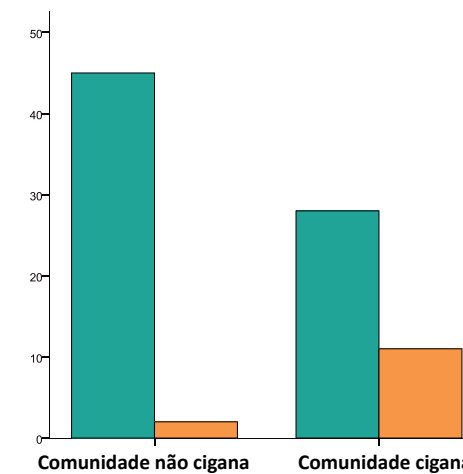


GRÁFICO 15
SUCESSO ESCOLAR NO ANO LETIVO 2009/2010
POR COMUNIDADE DE ORIGEM

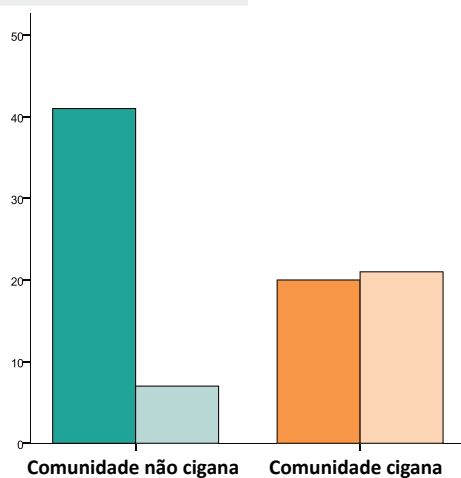


GRÁFICO 17
SUCESSO ESCOLAR NO ANO LETIVO 2011/2012
POR COMUNIDADE DE ORIGEM

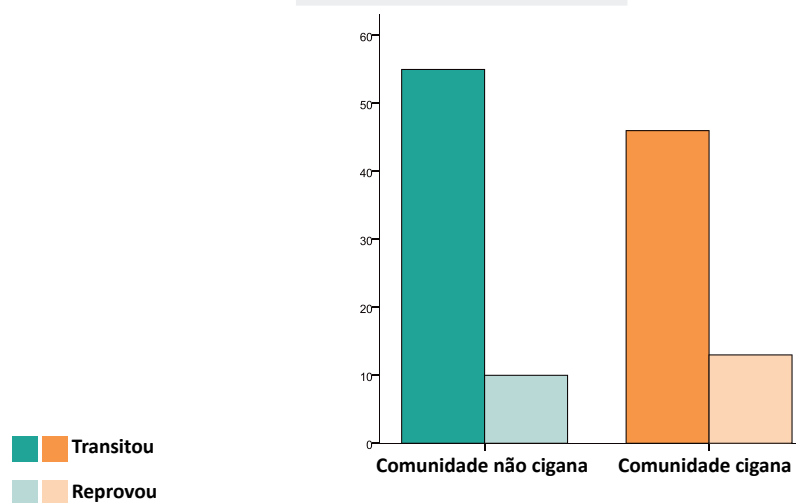
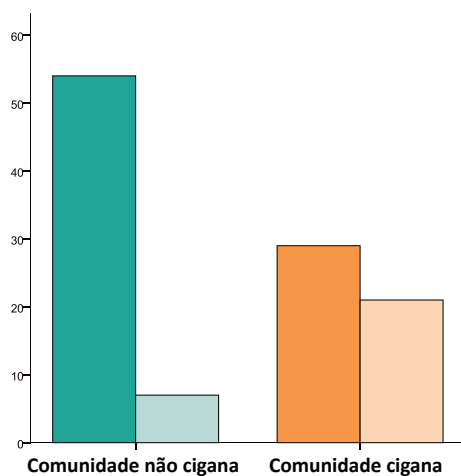


GRÁFICO 16
SUCESSO ESCOLAR NO ANO LETIVO 2010/2011
POR COMUNIDADE DE ORIGEM



Quanto ao ano de escolaridade em que ocorrem as reprovações na versão anterior do presente observatório, nos 4 anos letivos em análise destacavam-se as reprovações no 1º ano, em crianças oriundas da comunidade cigana. Nestes últimos 3 anos letivos (2009/2010; 2010/2011 e 2011/2012) verifica-se uma tendência diferente: a moda nos últimos 3 anos letivos foi o 5º ano de escolaridade. Este é mais um indicador positivo de que, por um lado há menos retenções no 1º ano em que as crianças ciganas entram na Escola e por outro mostra que chegam cada vez mais ao 2º ciclo do ensino básico.

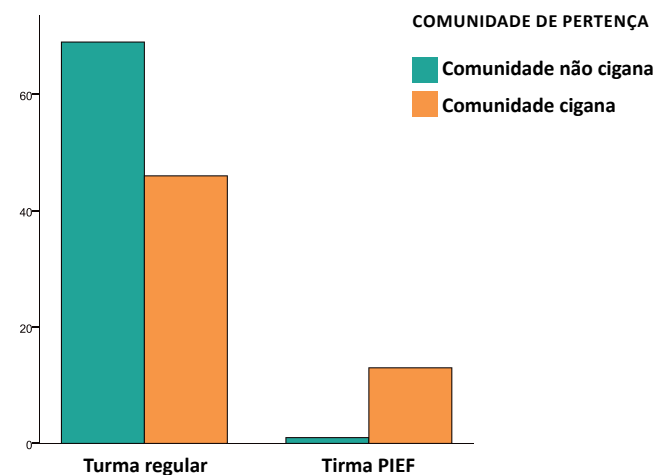
Um dos fatores que pode ter contribuído para a diminuição das retenções no 1º ano de escolaridade é a frequência do Jardim de Infância. A título de exemplo podemos considerar o Jardim de Infância da Póvoa de São Miguel onde no ano letivo de 2007/2008 apenas 18% das crianças eram ciganas e em 2008/2009 este valor tinha chegado aos 35%. Nos

anos letivos de 2009/2010, 2010/2011 e 2011/2012 a percentagem de crianças ciganas matriculadas no pré-escolar superou sempre os 40%, sendo neste último ano letivo de 44%. Este aumento da proporção de alunos ciganos no pré-escolar foi acompanhado por um aumento do número total de matrículas o que se traduziu no JI da Póvoa de São Miguel, tal como no JI de Sobral da Adiça (com uma evolução semelhante à que é descrita acima) na abertura de uma nova sala de pré-escolar no ano de 2011/2012. Isto contraria a tendência observada nas aldeias com esta dimensão (aproximadamente 1000 habitantes) em que o número de turmas nas escolas está a diminuir. De destacar também que para além do número de matrículas ter aumentado também se nota um crescimento na frequência efetiva por parte destas crianças do Jardim de Infância. O aumento do número de alunos ciganos que chegam ao 2º e 3º ciclos do Ensino Básico é notório, em 2009/2010 o número de jovens ciganos matriculados no 2º ciclo era 32, em 2011/2012 este número é de 67 jovens. Contudo a proporção de alunos ciganos no 1º ciclo continua a ser superior – 26% vs. 16% no 2º ciclo.

Um dos fatores que pode ter contribuído para este aumento foi a criação no ano de 2010/2011 de uma turma PIEF que acolheu jovens ciganos de Sobral da Adiça em abandono ou risco de abandono escolar precoce, cuja média de idades era de aproximadamente 16 anos. Esta turma que funciona na localidade de Sobral da Adiça no ano de 2010/2011 era constituída por 11 alunos e no ano de 2011/2012 esta experiência positiva serviu de inspiração para a criação de uma nova turma deste tipo na Escola Básica Integrada da Amareleja com 20 alunos. No ano de 2010/2011 a turma PIEF de Sobral da Adiça contou com a frequência regular de 90% dos alunos, apesar de haverem várias raparigas da comunidade cigana, algumas casadas, algumas já mães e a maioria sem beneficiarem do RSI (subsídio muitas vezes utilizado para negociar com as famílias a frequência na escola dos seus filhos). Em 2011/2012 estas 2 turmas no conjunto tiveram uma taxa de sucesso escolar de 82%. Este valor é superior à taxa de sucesso escolar na comunidade cigana, neste ano letivo (77%) e próxima da taxa de aproveitamento escolar entre alunos não ciganos (84%) o que

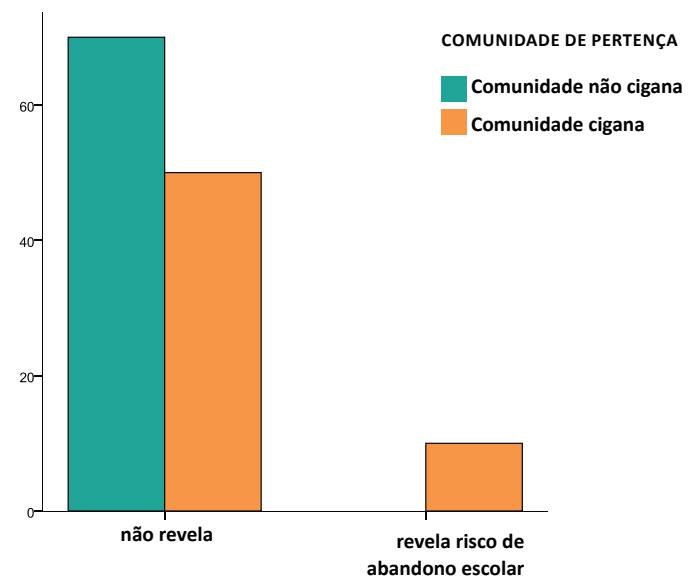
mostra que pode ser uma medida adequada de educação para este tipo de jovens. Nela foram incluídos com sucesso jovens oriundos das comunidades ciganas das aldeias (Sobral da Adiça, Póvoa de São Miguel, Santo Aleixo da Restauração e Safara) que tradicionalmente não se deslocavam à escola sede para frequentar o 2º ciclo.

GRÁFICO 18
TIPO DE TURMA FREQUENTADA PELOS ALUNOS NO ANO LETIVO DE 2011/2012 POR COMUNIDADE DE ORIGEM.



O absentismo e abandono escolar tem vindo gradualmente a diminuir: por exemplo, na EB1 de Sobral da Adiça, o número de crianças que abandonaram a escola passou de 15 no ano letivo de 2006/2007 (num universo de 61 alunos), para 11 (num universo de 56 alunos) no ano letivo de 2007/2008 e para 6 (num universo de 51 alunos) no ano letivo de 2008/2009. A avaliação feita do risco de abandono escolar para o ano letivo de 2012/2013 para a população aqui em estudo é representada no gráfico 12 e corresponde a 10 alunos num universo de 130. Este dado resulta da avaliação qualitativa realizada pela equipa do projeto no contexto do conhecimento aprofundado das crianças e jovens e seu historial escolar.

GRÁFICO 19
ALUNOS QUE REVELAM RISCO DE ABANDONO ESCOLAR NO ANO LETIVO DE 2011/2012 POR COMUNIDADE DE ORIGEM.



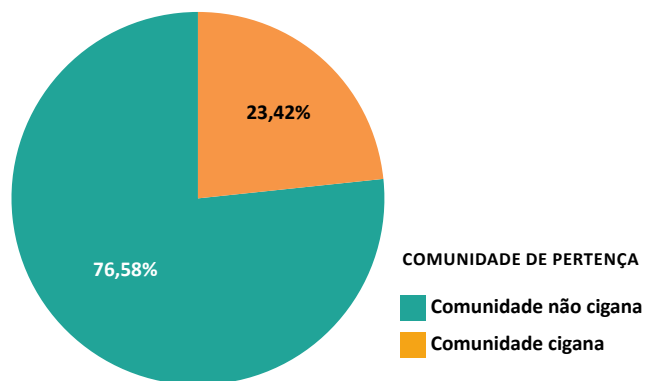
AGRUPAMENTO DE ESCOLAS DA AMARELEJA

Partindo da necessidade de sistematizar informação sobre a população escolar oriunda das comunidades ciganas o Agrupamento de Escolas de Amareleja e o projeto Encontros reuniram esforços de modo a realizar uma análise de dados do 1º e 2º ciclos do Ensino Básico. Foram considerados nesta análise todos os alunos matriculados no 1º ou 2º ciclos do Agrupamento de Escolas da Amareleja no ano letivo de 2010/2011. Consideraram-se os dados dos anos letivos 2009/2010, 2010/2011 e 2011/2011 referentes a estes alunos.

1º CEB

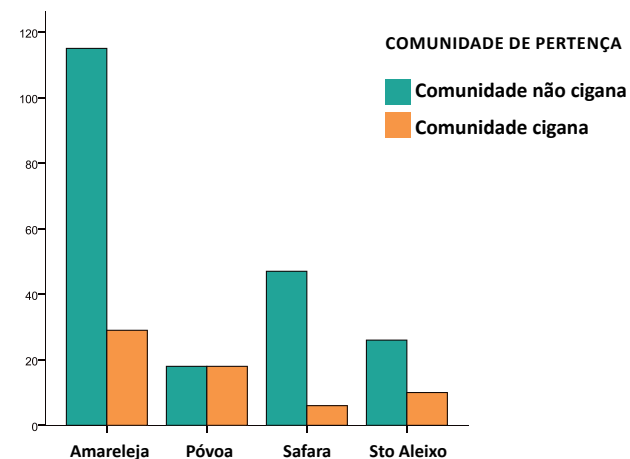
A população em estudo é constituída por 269 crianças, com uma distribuição homogénea por sexo (49% são rapazes e 51% são raparigas). A idade média destas crianças, tendo como referência o mês de setembro de 2012, é de aproximadamente 10 anos. Destes alunos 23% são oriundos de comunidades ciganas, como podemos verificar no gráfico abaixo.

GRÁFICO 20
ALUNOS DO 1º CICLO DO AGRUPAMENTO DE ESCOLAS DE AMARELEJA POR COMUNIDADE DE ORIGEM.



A distribuição dos alunos pela sua freguesia de residência tendo em conta comunidade de pertença (ver gráfico 14) denota que na freguesia da Póvoa de São Miguel é onde existe maior proporção de alunos ciganos no 1º ciclo.

GRÁFICO 21
ALUNOS DO 1º CICLO DO AGRUPAMENTO DE ESCOLAS DE AMARELEJA POR FREGUESIA DE RESIDÊNCIA E COMUNIDADE DE ORIGEM.

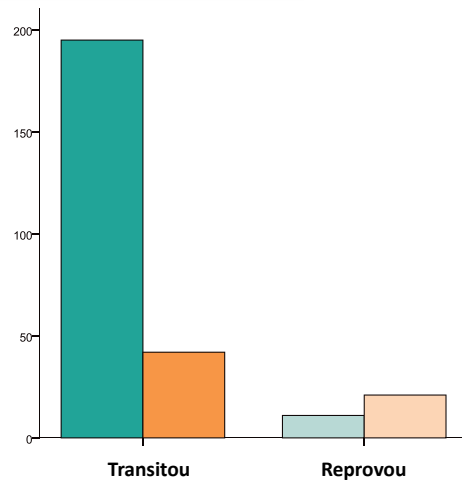


No que respeita ao sucesso escolar verifica-se que nos três anos letivos em estudo existe uma diferença estatisticamente significativa ($p < 0.001$) entre os alunos ciganos e não ciganos do 1º ciclo (ver tabela 3 e gráficos 15, 16 e 17 abaixo).

TABELA 13
TAXA DE APROVEITAMENTO ESCOLAR POR ANO LETIVO E COMUNIDADE DE PERTENÇA.

Ano letivo	Taxa de aproveitamento dos alunos provenientes da comunidade cigana	Taxa de aproveitamento dos alunos provenientes da comunidade não cigana
2009/2010	66%	95%
2010/2011	43%	93%
2011/2012	48%	88%

GRÁFICO 22
SUCESSO ESCOLAR NO ANO LETIVO 2009/2010 POR COMUNIDADE DE ORIGEM



COMUNIDADE DE PERTENÇA

- Comunidade não cigana
- Comunidade cigana

GRÁFICO 23
SUCESSO ESCOLAR NO ANO LETIVO 2010/2011 POR COMUNIDADE DE ORIGEM

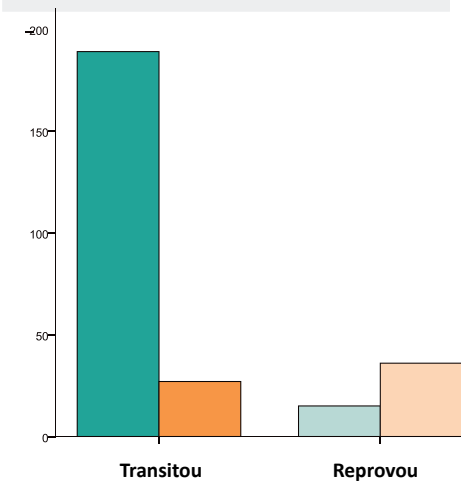
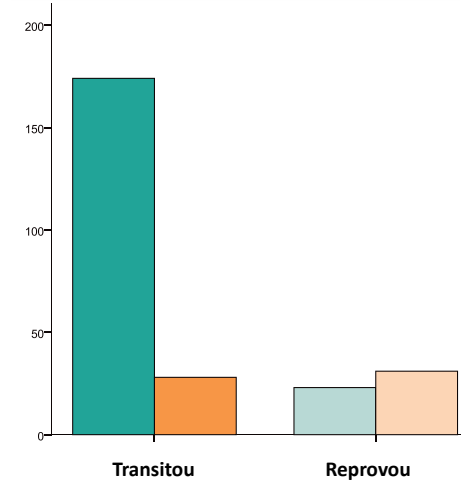


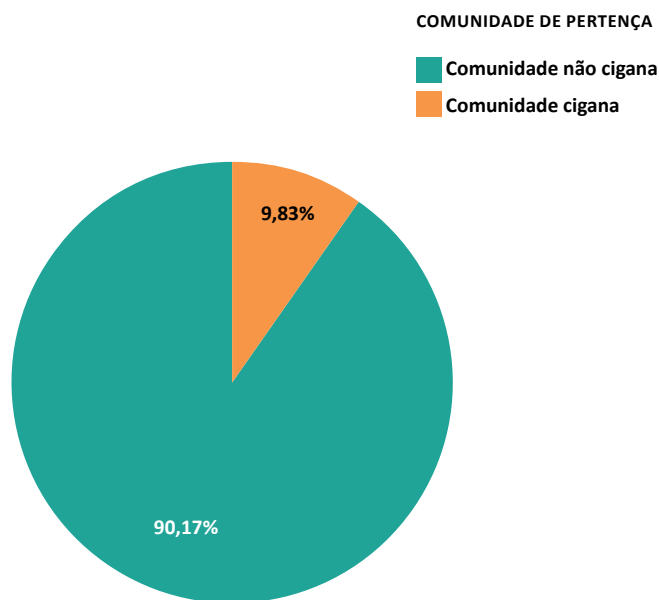
GRÁFICO 24
SUCESSO ESCOLAR NO ANO LETIVO 2011/2012 POR COMUNIDADE DE ORIGEM



2º CEB

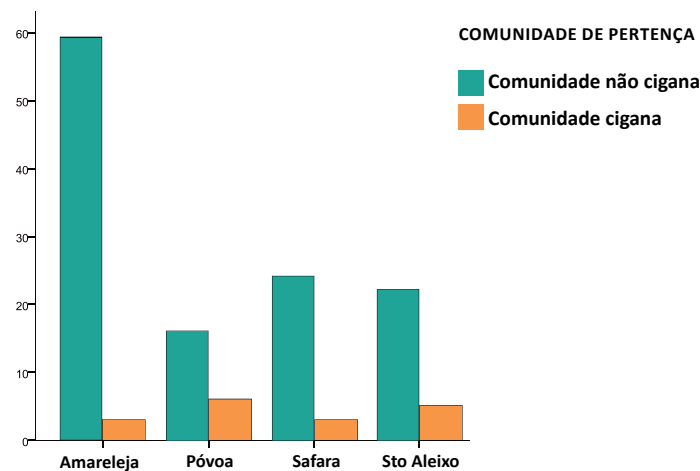
A população do 2º CEB que foi considerada neste estudo é constituída por 174 indivíduos, 58% do sexo masculino e 42% do sexo feminino, com uma média de idades de aproximadamente 13 anos. Como podemos verificar no gráfico 18, no 2º ciclo, a percentagem de crianças e jovens ciganos não chega a 10%, o que é inferior a esta percentagem no 1º ciclo (23%). Isto indica que os alunos da comunidade cigana continuam a frequentar mais o 1º ciclo do que o 2º.

GRÁFICO 25
ALUNOS DO 2º CICLO DA EBI DE AMARELEJA
POR COMUNIDADE DE ORIGEM.



A sua distribuição por freguesia de residência, de acordo com o gráfico 19, reflete a distribuição da população pelas freguesias de abrangência da escola mostrando que é na Póvoa de São Miguel que reside um número mais elevado de famílias ciganas e que estas famílias têm os seus filhos na Escola.

GRÁFICO 26
ALUNOS DO 2º CICLO DO AGRUPAMENTO DE
ESCOLAS DE AMARELEJA POR FREGUESIA DE
RESIDÊNCIA E COMUNIDADE DE ORIGEM.



O sucesso escolar no 2º ciclo na EB2,3 de Amareleja não apresenta diferenças significativas entre alunos ciganos e não ciganos, com exceção do ano letivo de 2010/2011 (ver gráficos 20, 21 e 22). Podemos verificar até que no ano letivo de 2011/2012 a taxa de aproveitamento escolar é superior entre alunos provenientes das comunidades ciganas (ver tabela 5). Isto contraria os resultados encontrados na população em estudo pelo projeto há 7 anos letivos e aquela que se verifica no 1º ciclo. Este fato pode estar associado ao sucesso da medida PIEF nesta escola, uma vez que 14 dos 17 alunos ciganos matriculados no 2º CEB nesta escola frequentam a turma PIEF.

TABELA 14

TAXA DE APROVEITAMENTO ESCOLAR POR ANO LETIVO E COMUNIDADE DE PERTENÇA.

Ano letivo	Taxa de aproveitamento dos alunos provenientes da comunidade cigana	Taxa de aproveitamento dos alunos provenientes da comunidade não cigana
2009/2010	82%	80%
2010/2011	47%	94%
2011/2012	82%	73%

GRÁFICO 27

SUCESSO ESCOLAR NO ANO LETIVO 2009/2010 POR COMUNIDADE DE ORIGEM

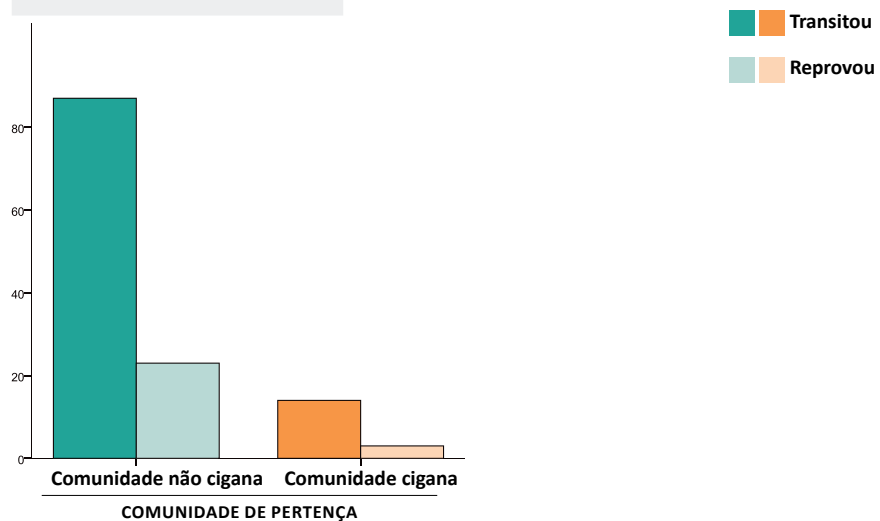


GRÁFICO 28

SUCESSO ESCOLAR NO ANO LETIVO 2010/2011 POR COMUNIDADE DE ORIGEM

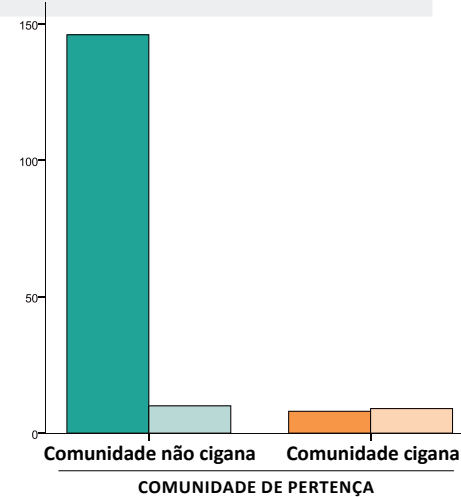
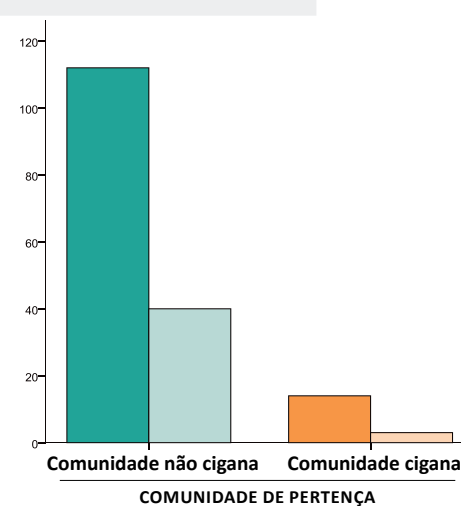


GRÁFICO 29

SUCESSO ESCOLAR NO ANO LETIVO 2011/2012 POR COMUNIDADE DE ORIGEM



Anexos



Glossário

FAMÍLIA CLÁSSICA

Conjunto de pessoas que residem no mesmo alojamento e que têm relações de parentesco (de direito ou de facto) entre si, podendo ocupar a totalidade ou parte do alojamento. Considera-se também como família clássica qualquer pessoa independente que ocupe uma parte ou a totalidade de uma unidade de alojamento.

NÚCLEO FAMILIAR

Conjunto de pessoas dentro de uma família clássica, entre as quais existe um dos seguintes tipos de relação: casal com ou sem filho(s) solteiro(s), pai ou mãe com filho(s) solteiro(s), avós com neto(s) solteiro(s) e avô(ó) com neto(s) solteiro(s).

ALOJAMENTO FAMILIAR CLÁSSICO

Local distinto e independente, constituído por uma divisão ou conjunto de divisões e seus anexos, num edifício de carácter permanente, ou numa parte distinta do edifício (do ponto de vista estrutural), que considerando a maneira como foi construído, reconstruído, ampliado ou transformado se destina a servir de habitação, normalmente, apenas de uma família/agregado doméstico privado. Deve ter uma entrada independente que dê acesso (quer directamente, quer através de um jardim ou um terreno) a uma via ou a uma passagem comum no interior do edifício (escada, corredor ou galeria, etc.). As divisões isoladas, manifestamente construídas, ampliadas ou transformadas para fazer parte do alojamento familiar clássico/fogo são consideradas como parte integrante do mesmo.

ALOJAMENTO FAMILIAR NÃO CLÁSSICO

Local distinto e independente, constituído por uma divisão ou conjunto de divisões e seus anexos, num edifício de carácter permanente, ou numa parte distinta do edifício (do ponto de vista estrutural), que considerando a maneira como foi construído, reconstruído, ampliado ou transformado se destina a servir de habitação, normalmente, apenas de uma família/agregado doméstico privado. Deve ter uma entrada independente que dê acesso (quer directamente, quer através de um jardim ou um terreno) a uma via ou a uma passagem comum no interior do edifício (escada, corredor ou galeria, etc.). As divisões isoladas, manifestamente construídas, ampliadas ou transformadas para fazer parte do alojamento familiar clássico/fogo são consideradas como parte integrante do mesmo.

ALOJAMENTO SOBRELOTADO

Alojamento familiar clássico com défice de divisões em relação às pessoas que nele residem de acordo com o índice de lotação do alojamento.

ÍNDICE DE LOTAÇÃO DE UM ALOJAMENTO

Indicador de número de divisões a mais ou a menos em relação ao número de residentes no alojamento. Os cálculos são feitos com base nos seguintes parâmetros considerados normais: 1 Divisão - sala de estar; 1 Divisão - para casal; 1 Divisão - para outra pessoa não solteira; 1 Divisão - para pessoa solteira com mais de 18 anos; 1 Divisão - para duas pessoas solteiras do mesmo sexo com idade entre os 7 e 18 anos; 1 Divisão - para cada pessoa solteira de sexo diferente com idade entre os 7 e 18 anos ; 1 Divisão - para duas pessoas com menos de 7 anos.

Tabelas de avaliação da homogeneidade das comunidades ciganas e não ciganas na variável sucesso escolar.

TESTE DO QUI-QUADRADO (SUCESSO ESCOLAR
* COMUNIDADE DE PERTENÇA 05/06)

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)	Exact Sig. (2-sided)	Exact Sig. (1-sided)
Pearson Chi-Square	15,101	1	,000		
Continuity Correction	12,586	1	,000		
Likelihood Ratio	16,428	1	,000		
Fisher's Exact Test				,000	,000
Linear-by-Linear Association	14,670	1	,000		
N of Valid Cases	35				

TESTE DO QUI-QUADRADO (SUCESSO ESCOLAR
* COMUNIDADE DE PERTENÇA 06/07)

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)	Exact Sig. (2-sided)	Exact Sig. (1-sided)
Pearson Chi-Square	25,369	1	,000		
Continuity Correction	22,489	1	,000		
Likelihood Ratio	31,826	1	,000		
Fisher's Exact Test				,000	,000
Linear-by-Linear Association	24,931	1	,000		
N of Valid Cases	58				

TESTE DO QUI-QUADRADO (SUCESSO ESCOLAR
* COMUNIDADE DE PERTENÇA 07/08)

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)	Exact Sig. (2-sided)	Exact Sig. (1-sided)
Pearson Chi-Square	22,211	1	,000		
Continuity Correction	19,913	1	,000		
Likelihood Ratio	23,920	1	,000		
Fisher's Exact Test				,000	,000
Linear-by-Linear Association	21,919	1	,000		
N of Valid Cases	76				

TESTE DO QUI-QUADRADO (SUCESSO ESCOLAR
* COMUNIDADE DE PERTENÇA 08/09)

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)	Exact Sig. (2-sided)	Exact Sig. (1-sided)
Pearson Chi-Square	10,037	1	,000		
Continuity Correction	8,213	1	,000		
Likelihood Ratio	10,587	1	,000		
Fisher's Exact Test				,000	,000
Linear-by-Linear Association	9,923	1	,000		
N of Valid Cases	88				

Índice de Tabelas

- 15** Tabela 1 - Proporção de idosos e jovens (Sobral da Adiça)
- 16** Tabela 2 - Proporção de idosos e jovens (Póvoa de São Miguel)
- 16** Tabela 3 - Número de pessoas residentes em Sobral da Adiça por tipo de habitação
- 16** Tabela 4 - Número de pessoas residentes em Sobral da Adiça por tipo de habitação e instalações existentes nos seus alojamentos
- 16** Tabela 5 - % de alojamentos segundo as condições existentes (Sobral da Adiça)
- 17** Tabela 6 - Número de pessoas residentes na Póvoa de São Miguel por tipo de habitação
- 17** Tabela 7 - Número de pessoas residentes na Póvoa de São Miguel por tipo de habitação e instalações existentes nos seus alojamentos
- 17** Tabela 8 - % de alojamentos segundo as condições existentes (Póvoa de São Miguel)
- 17** Tabela 9 - Nº de elementos por família clássica/ alojamento (Sobral da Adiça)
- 17** Tabela 10 - Nº de elementos por família clássica/ alojamento (Póvoa de São Miguel)
- 19** Tabela 11 - Comunidade de pertença dos alunos
- 19** Tabela 12 - Proporção de alunos ciganos nas EB1 do concelho de Moura
- 19** Tabela 13 - Género dos alunos
- 20** Tabela 14 - Idade por comunidade de pertença
- 20** Tabela 15 - Taxa de aproveitamento escolar
- 22** Tabela 16 - Nível de escolaridade em que houve insucesso escolar por comunidade de origem

Índice de Gráficos

- 14** Gráfico 1 - Distribuição da população por género (Sobral da Adiça)
- 14** Gráfico 2 - Distribuição da população por género (Póvoa de São Miguel)
- 14** Gráfico 3 - Distribuição da população por faixa etária (Sobral da Adiça)
- 14** Gráfico 4 - Distribuição da população por faixa etária (Póvoa de São Miguel)
- 14** Gráfico 5 - Pirâmide etária da comunidade cigana de Sobral da Adiça.
- 15** Gráfico 6 - Pirâmide etária da comunidade cigana da Póvoa de São Miguel
- 15** Gráfico 7 - Pirâmide etária da população portuguesa 1991 (cinzento) vs. 2001 (azul)
- 19** Gráfico 8 - Distribuição da população em estudo pelas EB1
- 21** Gráfico 9 - Sucesso escolar no ano lectivo 2005/2006 por comunidade de origem
- 21** Gráfico 10 - Sucesso escolar no ano lectivo 2006/2007 por comunidade de origem
- 21** Gráfico 11 - Sucesso escolar no ano lectivo 2007/2008 por comunidade de origem
- 21** Gráfico 12 - Sucesso escolar no ano lectivo 2008/2009 por comunidade de origem

Fontes documentais das informações

ARTIGOS, LIVROS E OUTROS DOCUMENTOS

- BLANES Ruy (2007), "Contacto, conhecimento e conflito, dinâmicas culturais e sociais num movimento evangélico cigano na Península Ibérica", *Etnográfica*, 11 (I): 29-54.
- BLANES Ruy (2004), *A música na construção de uma identidade religiosa. O caso do movimento evangélico cigano em Portugal*, Apresentação do VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais, Coimbra, 16,, 17, 18 de Setembro de 2004.
- CASA NOVA Maria José, (2008) *Família, etnicidad, trabajo y educación. Estudio etnográfico sobre los modos de vida de una comunidad gitana del norte de Portugal*.
- CASA NOVA Maria José, (2008) *Tempos e lugares dos ciganos na educação escolar pública*, CIED.
- CONSTANTINO Ferreira, (2004) *Os ciganos pentecostais, movimento vigoroso*,
- PEREIRA BASTOS, José Gabriel, (2007) *Que futuro tem Portugal para os portugueses ciganos?*, CEMME.
- SANTOS Ana Paula, (2001) *Ciganos evangélicos portugueses: a conversão ao pentecostalismo*.
- MANUEL SOARES Miguel Carlos, (2008) *Homens de respeito*, in Percursos de interculturalidade, Coordenação de Mário Ferreira Lages e Artur Teodoro de Matos, ACIDI.
- Comissão Parlamentar de Ética, Sociedade e Cultura, subcomissão para a igualdade de oportunidades e famílias (2008). *Relatório das audições efectuadas sobre portugueses ciganos no âmbito do Ano Europeu para o Diálogo Intercultural*.
- *Senda Gitana, Retrato Social da Comunidade no Concelho de Aveiro*, Caritas Diocesana de Aveiro
- Câmara Municipal de Moura (2008). *Plano de Desenvolvimento Social do concelho de Moura*.
- Plataforma Supra concelhia do Baixo Alentejo (2008). *Registo das reuniões do Grupo de Trabalho Minorias Étnicas* (www.pscba.pt)

- Silva, M. T. S.C. (2008). *Caracterização Sócio-económica do Distrito de Beja. Núcleo Distrital de Beja*. Rede Europeia Anti-Pobreza / Portugal.
- Pereira, A.(2008). SPSS, *Guia prático de utilização*. Lisboa: Edições Sílabo.
- Escola Superior de Educação de Beja. (2006). *Carta Educativa do concelho de Moura*.
- Samper, A. L. (2002). *La Iglesia Evangélica de Filadelfia: un acercamiento a la religiosidad de los gitanos en España*. Artigo online em <http://sincronia.cucsh.udg.mx/samperi02.htm>.
- Comissão Parlamentar de Ética, Sociedade e Cultura, subcomissão para a igualdade de oportunidades e famílias (2008). *Relatório das audições efectuadas sobre portugueses ciganos no âmbito do Ano Europeu para o Diálogo Intercultural*.

FILME

- *Uma oportunidade de igualdade*, 2007, projecto Empreender Mais e Melhor (entidade promotora ADCMoura, PIC Equal)

TESTEMUNHOS

- Membros das comunidades ciganas do Sobral da Adiça e da Póvoa de São Miguel.
- Pastores das igrejas do Sobral da Adiça e Moura.
- Mediador cigano da Câmara Municipal de Moura.
- Dinamizador Comunitário do projecto Encontros.

QUESTIONÁRIO DE AVALIAÇÃO DO OBSERVATÓRIO DAS COMUNIDADES CIGANAS DO SOBRAL E DA PÓVOA

É já na sua 3ª versão que publicamos em 2013 o nosso observatório... De forma a ajustá-lo melhor às necessidades de técnicos/as que trabalham com comunidades ciganas, ou meros cidadãos que procuram conhecer melhor os seus vizinhos, agradecemos que preenche este curto formulário e nos dê a sua opinião!

Como teve conhecimento da existência do observatório?

Qual é sua atividade profissional?

- Ajude-nos a perceber qual o perfil dos nossos leitores, de forma a adequar melhor o conteúdo do observatório.

O observatório é lhe útil para a sua vida profissional? E pessoal? De que forma?

Qual dos 4 cadernos acha mais útil para si?

Alguma ideia de temas ou metodologias a abordar numa futura atualização do observatório?

Como utilizou o observatório?

- Imprimir o documento inteiro
- Imprimir partes do documento
- Descarreguei no meu computador.
- Vou consultando online quando preciso

O que acha da apresentação/ layout do documento?

Muito obrigada por ter respondido! Já agora, aproveite e visite o nosso site...

PREENCHER QUESTIONÁRIO ONLINE

OBSERVATÓRIO sócio-demográfico das comunidades ciganas Março de 2013

PROMOVIDO POR:



FINANCIADO POR



CO-FINANCIADO POR

